

Egídio Lima

cv 83

EDITOR PROP: JOÃO JOSÉ DA SILVA

Desafio de João Silveira com Egídio Lima



E. LIMA



J. SILVEIRA

Editor Prop: João José da Silva

DESAFIO DE JOÃO SILVEIRA COM EGIDIO LIMA

Egidio Lima é poeta
pelos demais estimado.
tanto assim que no repente
é êle bem respeitado
e agora, com João Silveira,
Fez um debate elevado.

Entre os dois o resultado
veio servir de exemplo
a poesia que tem,
no Nordeste, augusto templo
e eu, como vate escritor,
esta verdade contemplo.

Para dar melhor exemplo
desta grande cantoria,
anotei esta peleja
com bastante simpatia
porque Silveira e Egidio
conhecem bem poesia.

(2)

Foi em São João bem no dia
dêste santo festejado
que fizeram êste debate
os dois poetas falados
para melhor testemunho
êles aqui vão narrados.

Fizeram muito animados
êsse grande desafio
Egidio Lima é poeta
em quem bastante confio
e João Silveira também
é violeiro de brio.

Era uma noite de estio
na cidade João Pessoa
nem uma nuvem no céu
naquela noite tão boa
toldava a face da lua
—bendita e eterna canôa

Bem na praça João pessoa
no salão de um restaurante
os dois poetas fizeram
um desafio brilhante
entre os dois ninguém sabia
qual era o mais cintilante.

Já ninguém ficou distante
daquêles dois travadores
nisto os convivas da sala
como bons apreciadores
aos dois poetas distintos
aclamaram com louvores

(3)

Entre os demais cantadores
é bem nobre João Silveira
é um poeta educado
distinto em rima fagueira
e não encontrou ainda
quem lhe tomasse a ribeira.

Egidio segue a carreira
dos melhores trovadores,
tem cultura e tem valor,
nos versos competidores,
por isso tornou-se o ídolo
dos maiores cantadores

Vive do grandes labores
na perfeição duma rima,
pra isto vamos ouvir
repentes de Egidio Lima.
que são em todo o Nordeste
conhecidos obra prima

Sua idéia vem do clima
da popular poesia.
faz soneto e faz poema
de improviso todo dia
já desfruta em Jão Pessoa
A mais nobre simpatia.

A modesta é o seu guia,
usa de simplicidade.
porom é bem conhecido
em tôda aquela cidade
pelo povo que compõe
a nobre sociedade.

(4)

Quando êle sente vontade
De elaborar o repente
diz:- na sala onde eu cantar
pode cercar-se de gente,
cada verso que eu fizer
é qual sadia semente!

É um vate vaeemente
no seu tema improvisado.
não sabe fazer a sôma
com quantos já tem lutado.
não foi nem será vencido.
no lugar que tem adado.

Já está abalizado
em todo ramo da rima.
por isso pretendo agora
nêste belo e doce clima,
ouvir cantar João Silveira
com o poeta Egidio Lima.

Se aquêles desfruta estima
por ser grande cantador
Egidio tambem merece
de minha pena o louvor
porque seu verso contem
ciência, bom senso e valor.

Diante tanto louvor
vamos ouvir os poetas.
leia a presente peleja
aonde as rimas selêtas
dos dois grandes menestreis
se apresentam corrêtas.

(5)

EGIDIO LIMA.

As tuas rimas dilêtas
quero ouvi-las, João Silveira!
há muito tempo que cantas
nesta distinta ribeira,
os primores dos teus versos
surguem de prosa fagueira.

JOÃO SILVEIRA:

Canto sem me dar canseira
nesta consoante rima,
hoje estou acompanhado
do poeta Egidio Lima
que sabe enfrentar a luta
seja em qual fôr o seu clima.

E.L.- Este meu verso se arrima
muito bem no teu repente
dêle eu faço um bom plantio
da mais robusta semente
colhido da inspiração
de um cantor influente.

J.S.- Para fazer um répenete
não tenho hora do dia
que me fuja a inspiração
para uma rima sadia
porque Deus dotou meu gênio
de sagrada poesia.

E.L. Descrever Geografia
é agora o meu convite.
ela é ciencia dotuda
para o meu forte apetite,
veja se você tambem
pode aceitar o palpite.

J. S.-Da terra faço o limite
com as águas dos oceanos,
divido os seus continentes,
poderosos, suberanos,
inicie, caro colega
êstes seus sublimes planos,

E.L.-Sem temer os desenganos
eu aqui me justifico.
no oriente se encontra
o Oceano pacífico,
o Atlântico está no centro
de terras que classifico.

J. S.-Agora também me explico
o atlântico é imprensado
com a África e com a Europa
e as Américas de lado
mas o Oceano Pacífico
não ficou bem explicado.

E.L. Meu dizer não foi errado
porque o grande Oceano
do Oriente ao Ocidente
segue dirêto o seu plano:
cobre o norte dos países
do mais fraco ao suberano

J.S.-Agora acertou o plano
pelo seu conhecimento
pois o Mar Glacial Artico
na Rússia é seu movimento
é vizinho do Pacífico
em todo seu comprimento.

E.L.- Êle tem povoamento
de peixes bem variados
porem animais estranhos
ali são sempre encontrados
onde as rigiões do gelo
os deixam bem conservados...

J.S.-Outros mares afamados
como o índice se nota
banhando a costa da África
seguindo na mesma rota ..
para a Índia e o Ceilão
êste mar também se bota

E.L.-O Mar Negro tem a rota
entre Odessa e a Furquia,
e o Mar Cápio porem
na Rússia faz moradia
o Mediterrâneo ao Norte
da África bem se irradia.

J.S. O Mar Vermelho irradia
suas águas no Egito
na Arábia e Eritréa
vive num eterno conflito.
no Estreito de Suez
êle se l'imita aflito.

E.L.-Dos mares já ficou dito
o melhor ensinamento,
falar sobre os Continentes
cãegou o nosso momento
pois são três como nos diz
o antigo pensamento.

J.S.- É agora o meu intento
mudar nossa teoria.
Satisfazer um pedido
do sargento Zé Maria
que deu um mote bonito,
adequado em poesia.

E.L.- Ao sargento Zé Maria
nós não podemos faltar.
êle é um amigo distinto
e nos sabe apreciar.
depois disto, está dispôsto,
para também nos pagar.

J.S.- Mas se êle não pagar
não terei nenhuma queixa...
perde muito o cantador
quando cantando se veixa
a falar em pagamento
sem haver nenhuma deixa

E.L.- Seguirei a sua deixa
nêste meu verso sutil,
lembrando de Zé Maria
êste seu mote gentil
—eu quero morrer cantando
os sertões do meu Brasil.

J.S.- Desde a caneta ao fuzil
não estranho o movimento.
vou cantar daqui a pouco
o mote deste sargento
para mostrar outra vez
a fôrça de meu taleno.

E.L.- Procurei a Capital
impelido pela fome
confiado no renome
trazido do matagal
trouxe comigo o punhal
e azeitei o fuzil.
deixei meu céu de anil
o qual vivo recordando.
eu quero morrer cantando
os sertões de meu Brasil.

J.S.- Sou o poeta matuto
dos recôncavos do Norte
que nunca temeu a morte
naquêle antigo reduto.
para viver fui astuto.
nêsse querido redil
uzei bernal o cantil
com espingarda caçando
eu quero morrer cantando
os sertões do meu Brasil.

E.L.- A primeira vez que fui
a boca dum microfone
disse a mim o cicerone
—êste instrumento te influi:
meu corpo quase que rui
naquêle auditório hostil.
meu peito estava febril
e o coração badalando.
eu quero morrer cantando
os sertões do meu Brasil.

J.S.-Dias depois eu contente,
 não sentia a tremedeira
 daquela fase primeira
 em que fui fazer repente.
 pois via na minha frente
 um auditório gentil
 explodindo qual fuzil
 com minha voz escapando
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil.

E.L.- Eu hoje recordo tudo
 que desfrutei no passado
 a seriema no prado
 cantava um poema rudo,
 esta saudade sacudo
 a direção do covil
 onde no mez de abril
 o inverno eu ia gosando
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil

J.S.-Eu quero aqui neste instante
 declamar o sentimento
 que me vem ao pensamento
 nesta saudade constante
 hoje me vejo distante
 de minha terra gentil
 onde deixei Adail.
 a minha amada chorando
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil

E.L.- tenho saudade das selvas
 do canto das jacarans
 mergulhões e araquans,
 pousando nas verdes relvas.
 pepinando as sutis elvas
 o canário mais gentil,
 e eu seguia bem sutil
 aquilo tudo espreitando.
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil

J.S.- Isto tudo é a saudade
 daquêlê meu Cabrobó,
 de Nova Exú, Piancó,
 que agora meu peito invade
 ei de cantar a vontade
 desses rincões o perfil...
 a saudade é o esmeril
 da água que vou matando
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil.

E.L.-Das fontes, das cachoeira
 o rumor de suas águas,
 as minhas passadas águas
 canto daquelas ribeiras.
 dos montes, das cordilheiras
 onde gemia sutil
 o vento no alcantil
 das serras irei falando.
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil.

E.L.- Eu reço a minha terra
 minha zona sertaneja
 como quem quer e deseja
 voltar um dia pra serra
 onde o cabrito que berra
 recorre ao céu de anil
 a ausência do varonil
 astro rei que o vai matando...
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil

J.S.-Faço justo voto a Deus
 para voltar ao sertão
 aquele amado rincão
 dos passados dias meus.
 eles também foram teus
 na meninice gentil.
 da serra o lindo alcantil
 de longe se vai notando...
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil

E.L.-Hoje tenho Zé da luz
 como fiel companheiro,
 grande poeta e tropeiro
 que a mim ao palco conduz
 ele próprio é quem induz
 que eu faça o verso gentil
 no repente mais sutil
 agora o vou declamando.
 eu quero morrer cantando
 os sertões do meu Brasil.

J.S.- vamos mudar a toada
 para um galope pesado
 Sendo em verso improvisado
 melhora mais a jornada,
 não tenho mente cansada
 para fazer um repente
 satisfação o ambiente
 que é distinto e nosso amigo.
 enfrente, agora, o perigo
 no meio de tanta gente.

E.L.- É meu nome Egídio Oliveira Lima 10
 sou falado em cantoria em toda parte 11
 eu conduzo no laço um estandarte 10
 e com ele eu seduzo a todo mundo; 10
 vou provar meu talento num segundo 10
 porque tenho direito da razão 10
 de cantar com perfeita vocação 10
 com o dom que me deu a Natureza 10
 e confio no gênio de grandeza 10
 que me deu a Autor da Criação, 10

J.S.-Eu cantando galope assombra o chão
 tenho um claro sentido de alabastro;
 eu zangado esbarro dois trens de lastro;
 com um dêdo eu suspendo um caminhão
 com um murro que eu der, mato um leão;
 eu derrubo um novilho com um dêdo;
 quebro granito velho dum rochedo;
 desencanto assombração noturna,
 pego, a braço, uma trigue numa fuma
 e satanaz me vê, fica com medo.

E.L. Eu não canto galope por brinquedo,
 porque tenho destino e me garanto
 em martelo, um galope quando canto,
 a cantar, faço susto, espanto e medo.
 vou agora contar todo segredo
 de cantor que se mete a marteleiro,
 desprovido do gênio bem guerreiro
 sem estilo perfeito e consciência.
 eles cantam, porem sem resistência,
 tudo fóra de métrica e roteiro.

J. S.- Sou poeta sublime e verdadeiro
 conhecido no Norte do Brasil
 tenho rima elevada e varonil,
 patrocínio de meu cancionero.
 enfrento, sem ter susto, um bom troveiro
 porque eu no repente me garanto.
 já fiz um cantador verter o pranto
 dum apêto que dei em cantoria.
 só fiz isso porque eu não sabia
 desta vez, que o cantor, chorasse tanto

E.L.- Eu sou bem conhecido aonde canto
 em Recife, e aqui e em toda parte,
 com empenho e estilo de minha arte
 faço verso em repente e me garanto
 dos cantores que existem não me espanto
 porque sou um gerente deste grêmio.
 tenho fibra completa de boêmio
 porem sou maneirosso e sou pacífico
 pois o meu pensamento é magnífico
 e dos versos que eu canto, ganho prêmio

J.S.- Participo também do grande grêmio
 que pertence a quem fôr bom repentista
 faço parte elevada desta lista
 que o poeta, cantando, ganha prêmio.
 já venci um cantor em um proêmio.
 de cantiga que fiz com êle um dia.
 criei fama, porem em cantoria
 sustentando o primor de meu repente.
 declaro que, cantando atualmente,
 com Egidio encontrei a poesia.

E.L.- Quem me vê a cantar numa porfia
 Não entenda que é de esmorecido.
 deve ser um cantor bem prevenido
 quem comigo fizer a cantoria
 quem não tiver sublime poesia
 se vier contra a mim eu desmantêlo.
 se aperreia e não faz um só martelo,
 e se acaso o fizer é todo errado.
 o cantor que não fôr bem estudado.
 não suporta de Egidio o seu duêlo.

J.S.- Faço logo, em repente, o parálêlo
 como cantor que enfrentar minha cantiga
 sendo fraco na luta, êle periga,
 sendo forte, não corro do duêlo:
 o verso que eu fizer adoro e zêlo
 para isto eu nasci um cantador.
 não escolho poeta aonde eu fôr
 descrever esta minha poesia
 João Silveira fazendo cantoria
 é dotado de improviso de valor.

E.L.-João Silveira já chegamos
ao final da cantoria.
ela foi tôda anotada
por taquígrafo de valia
e por João José da Silva
será publicada um dia

J.S.- Êste editor de valia
mandou o seu secretário
atender nosso convite,
por ser muito necessário,
pra copiar o debate
apresentou prontuário.

E.L.-Editor-proprietário
êste nosso grande amigo,
Senhor João José da Silva
que em tão bôa hora digo
desta presente peleja
se apodera sem perigo.

J.S.-Eu também afirmo e digo
para a mais distinta grei
João José será o dono
desta peleja, por lei,
Egidio assinou a cópia
e eu também assinei

FIM

PREÇO 20,00

Por Egidio Lima
A Pena mágica da Paraiba

Atenção Revendedores!

Emiliano José de Souza Campos

Estabelecido na parte externa do Mercado de São José, mantém um maravilhoso sortimento de livros, com os mesmos preços da minha casa, e quem comprar a êle está comprando a mim e adquirindo a coleção de livros populares mais elevada do País.

ASS. JOÃO JOSÉ DA SILVA

Procurem: "O Homem do Além"

O livro mais novo da Tipografia e Folhetaria Luzeiro do Norte

RUA DE SANTA RITA 217 - RECIFE PE.

Original Cat. Tomo II - 327